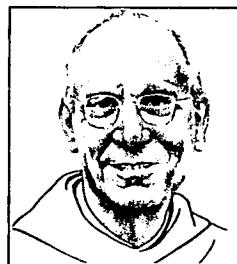


Aproveito a ambigüidade da palavra *fim* para usá-la no título deste artigo, afirmando que o ensino médio tem um *fim*, isto é, uma finalidade ou tarefa própria, para negar, por isso, a legitimidade de se propor o seu *fim* ou algo equivalente a isso, isto é, a sua supressão. O ensino médio sempre teve, mas tem hoje mais do que nunca, um papel decisivo e indispensável no trabalho educacional de ajuda ao adolescente para que amadureça plenamente e se torne um homem livre. Suprimi-lo ou atribuir-lhe um objetivo de mero auxiliar subalterno de outro nível de ensino, ou seja, esvaziá-lo do que lhe é próprio é abrir para a criatura humana o risco de uma doença mental de carência irreversível e ultrajante.

Dirá alguém que precisamos ser práticos. Se querem ser assim, mandem a criança de 10 anos para o trabalho, em vez de fazê-la perder tempo com a escola. Acontece, porém, que o teórico é que é sumamente prático. Lembremos a sugestiva observação de Ortega y Gasset sobre a feição prática e operosa dos ingleses do século passado. Para chegar a isso eram confinados em Oxford, onde aprendiam o grego inútil, e mandados viver fora do tempo, na Atenas de um imaginário século de Péricles. Deixando de se acorrentar a *um* tempo, o inglês conservava a versatilidade e a liberdade de viver em qualquer tempo e em qualquer trabalho.



Recai com exclusividade sobre o 2º grau a tarefa de formar o homem

Essas minhas divagações são motivadas por uma declaração, publicada no *Jornal do Brasil* (5/1), do diretor do Departamento de Desenvolvimento Educacional. Afirma que o MEC vai mudar o ensino médio, para fazê-lo retornar ao esfacelamento dos cursos (fala em cinco) específicos. Adeus ensino médio, adeus à formação integral do homem.

Parece ser a triste sina dos médios ou do que está no meio. É frequentemente sanduíchado e sufocado.

Estar no meio não é realmente uma posição confortável. Não conta com a animação radiosa do início, nem com a jubilação triunfante do último a chegar. É simples passagem. Sabem os psicólogos que, não raro, ocorre algo de análogo com a criança situada no meio de dois irmãos: não tem, para os pais, o prestígio e a cotação do primogênito nem suscita a alegria encantadora do caçula. Não é nem um nem outro.

O ensino médio está sendo visto um pouco como isso: o que não é. Nesse sentido, viveu, há alguns anos, a experiência com o seu vizinho do outro lado.

Acabaram com o ginásio, rebaixando-o ao primário. Evidentemente, a intenção, não só foi boa, mas correta. Havia como que uma ruptura, marcada pelo exame de admissão (é sempre o exame, por mostrar que o rei está nu, o culpado), que não tinha razão de ser. Buscava-se um desenrolar progressivo

e homogêneo, sem saltos, nem ruptura, no aprendizado da criança e do pré-adolescente. Nada, com efeito, justificava a determinação das autoridades impondo o ensino de História do Brasil, no 1º ano ginasial, a pretexto de que se deve começar o estudo dessa matéria pelo que está mais próximo do estudante. Esquecia-se que a criança não tinha nascido naquele dia em que chegava ao 1º ano ginasial. Já vinha de uma quinta série primária em que só lhe falaram de Tomé de Souza, Tiradentes, Deodoro e, até, de Getúlio Vargas. Ficavam, assim, professor procurando meio-dia às 14 horas, para ser menos insípido, e, a criança morrendo de tédio. Infelizmente, o que se fez foi pouco mais que mudar o nome, esquecendo, por uma tendência niveladora, que o ensino da criança, até os 10 anos, se processa de um modo diferente, com acompanhamento diferente dos professores, do que deve ser praticado a partir dos 11 anos. Esquece-se de que as variações no ser humano no seu processo de amadurecimento, a sua passagem da indeterminação para as determinações, devem ser levadas em conta pela escola. Podia-se, até, com certa vantagem, conservar os nomes do primário e ginásio (o garotão gostaria de dizer: "Eu sou do ginásio"), desde que se estabelecesse a desejável progressão homogênea. Mas o que tem analogia com a nossa preocupação de hoje é que, não raro, daí resultou uma espécie de primarização do secundário. O ensino médio — o pobre que está no meio — foi sugado pelo menor.

Agora a succão ou sugação vem por parte do maior. O ensino médio deixa de existir com finalidade própria. Passa a ser apenas um servidor do superior, sem personalidade própria. E

mau servidor, porque em vez de fazer o que realmente prepararia o candidato ao superior, isto é, o que realmente o conduziria ao amadurecimento humano indispensável para o acesso de formação superior, é compelido a se antecipar em especializações próprias do nível mais alto. Essas especializações, inevitáveis e cada vez mais circunscritas, na universidade, não são o objetivo de ensino médio. Mesmo as formações profissionais de nível médio não podem ou, ao menos, não devem ser conduzidas de tal modo que se faça à custa da omissão da formação geral.

A função própria do ensino secundário é a formação integral do homem. E essa função de proporcionar a cultura geral, que é formação do homem, se tornou mais exigente e indispensável, hoje, precisamente porque a universidade deixou de ser universidade, para ser apenas um conjunto de cursos profissionais, cada um limitado à sua especialização. Recai com exclusividade sobre o 2º grau essa tarefa de formar o homem, ou seja, de conduzir a criatura a uma certa plenitude, para que a formação profissional se assente sobre uma pessoa. Reduzir o homem a um simples profissional é uma robotização da nobre criatura que nasceu para se tornar, pela educação e pelo amadurecimento, uma pessoa livre. O fim da educação é a conquista da liberdade interior.

Salve-se o fim, isto é, a finalidade da educação. Não se decrete o seu fim, isto é, a sua liquidação. O ministro, que é um homem lúcido, de intenções retas, que confia na cultura, não deve estar nessa.

■ Dom Lourenço de Almeida Prado, OSB, é reitor do Colégio São Bento-RJ